

## Não esperem reforma

Até recentemente, o Presidente Sarney não podia reunir seu Ministério simplesmente porque não podia contar com todos a uma platéia que não era inteiramente dele. Permanecia a indefinição em torno da duração do mandato e no Ministério havia quem articulasse abertamente os quatro anos. Hoje, o Presidente já pode reunir seu Ministério, e comandá-lo à vontade. É claro que existem ministros omissos ou indolentes, mas Sarney vai levando sua equipe sem rachaduras, e ela já demonstra grau elevado de coesão. Quem sair, será para tribunais superiores ou embaixadas — ou seja: promoções desejadas, e não exílios compulsórios.

Alguns dos que não têm comparecido a reuniões no Alvorada não devem ser tomados na conta de adversários do Presidente. O da Administração, Aluizio Alves, por exemplo, não foi à última reunião e nem mesmo assim deixa de trabalhar dia e noite em favor de seu amigo Sarney. O das Minas e Energia, Aureliano Chaves, não frequenta tais reuniões pois seria desnecessário: coerente e de uma só palavra, todos sabem de suas posições. E afinal ele é um dos fiadores da atual situação política, não sendo conveniente que faça parte de colegiados para tentar sustentar essa mesma situação de cuja criação foi peça definitiva.

Desse modo, não se deve esperar uma reforma ministerial em seguida à aprovação dos cinco anos de mandato. O problema não está nos ministros mas nos escalões inter-

mediários, percorridos por um misto de indolência e incompetência, salvo um trabalho penoso e quase impossível.

O Presidente jamais foi um homem vingativo. E, por assim ser, não levará em conta os agravos e até posturas agressivas que se desenrolaram à sua frente nas primeiras reuniões com os ministros. Sarney engoliu em seco quando alguns mais ousados, por suspeitá-lo fragilizado, desejaram tomar as rédeas do processo de articulação. O Governo aparentemente ficou sendo a cara desses ministros, mas logo voltou a ter a cara de Sarney, por sua competência política e sorte. Outros ministros se aproveitaram da situação para defender interesses casuísticos. A tudo ele agüentou calado. Sua habilidade agora precisa voltar-se para o lado administrativo, a fim de que os escalões intermediários respondam à onda de modernização das estruturas do Estado, e por enquanto têm havido mais resistências que adesões.

Sarney irá necessitar de um fecho histórico para sua fase de transição. Não será um José Linhares, nem um Café Filho. Será um José Sarney se conseguir estabilizar o processo e negociar sua sucessão para poder escrever uma biografia ativa e sem ressentimentos. Do contrário, será o mais fraco Presidente da história. E mais: há ministros que também temem levar da transição uma biografia sem glória. Todos olham para Sarney. Afinal ele é o escritor da turma.